



A PRESENÇA SOCIAL E OS SIGNIFICADOS AMBIENTAIS DAS AÇÕES DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ECOLÓGICA LAGOA DO NADO EM BELO HORIZONTE¹

SOCIAL PRESENCE AND ENVIRONMENTAL MEANINGS OF THE ACTIONS OF THE CULTURAL AND ECOLOGICAL ASSOCIATION LAGOA DO NADO IN BELO HORIZONTE

CALDEIRA, DANIELLE BARROSO. (1); BRUSADIN, LEANDRO BENEDINI. (2)

1. Arquiteta e Urbanista. Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável.
Universidade Federal de Minas Gerais.
daniellebarroso.arq@gmail.com

2. Professor Associado do Departamento de Turismo e do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio da Universidade Federal de Ouro Preto. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais.
leandro@ufop.edu.br

RESUMO

A identidade pode ser entendida como um processo constante de construção de significado baseado em algum atributo cultural e social, pois constitui uma fonte de significados construídos pelo homem em suas relações identitárias de cada tempo em um dado espaço. A construção das identidades encontra matéria-prima nos símbolos e suas formas de poder, visto que os mesmos são elementos de coesão social e conferem sentido, identificação e significado ao indivíduo. (BOURDIEU, 2005). Tal construção é estabelecida por meio de um jogo identitário cujas representações são continuamente formadas e transformadas pelos sistemas culturais que nos rodeiam e, à medida em que estes sistemas mudam e se multiplicam, o homem é confrontado com uma multiplicidade de identidades possíveis, resultando em identidades híbridas. (HALL, 2006). Quem constroem e porque constroem as identidades coletivas determinam o conteúdo simbólico da mesma e quem se relaciona, se identifica ou se excluem dela. (CASTELLS, 1999). Diante dessa abordagem teórica, este artigo objetiva compreender como as identificações (ou sua ausência) com dados símbolos são feitas de acordo com os grupos sociais em um jogo imaginário de conhecimento e reconhecimento. Este estudo foi realizado no contexto da fundação da Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado, em Belo Horizonte (MG), a qual surgiu a partir do movimento do Grupo Verde Integral em defesa de uma grande área verde que existia na região da Pampulha. Para esse estudo foram utilizados os aparatos metodológicos de revisão teórica, pesquisa bibliográfica e documental, além da observação participante in loco. Conclui-se que o Parque Municipal Lagoa do Nado reconstruiu sua identidade a partir das ações de suas associações para dar sentido de presença social e significância ambiental.

Palavras-chave: Jogo das Identidades. Símbolos. Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado (MG).

ABSTRACT

Identity can be understood as a constant process of construction of meaning based on some cultural and social attribute, as it constitutes a source of meanings constructed by man in his identity relations

¹ Artigo originalmente publicado no 11º Fórum Mestres e Conselheiros – Formação para o Patrimônio

of each time in a given space. The construction of identities finds raw material in symbols and their forms of power, since they are elements of social cohesion and give sense, identification and meaning to the individual. (BOURDIEU, 2005). Such construction is established through an identity game whose representations are continuously formed and transformed by the cultural systems that surround us and, as these systems change and multiply, man is confronted with a multiplicity of possible identities, resulting in identities hybrids. (HALL, 2006). Who builds and why they build collective identities determines its symbolic content and who relates to, identifies with, or excludes themselves from it. (CASTELLS, 1999). Given this theoretical approach, this article aims to understand how the identifications (or their absence) with given symbols are made according to social groups in an imaginary game of knowledge and recognition. This study was carried out in the context of the founding of the Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado, in Belo Horizonte (MG), which arose from the movement of Grupo Verde Integral in defense of a large green area that existed in the region of Pampulha. For this study, methodological devices for theoretical review, bibliographic and documentary research were used, in addition to participant observation on the spot. It is concluded that the Lagoa do Nado Municipal Park reconstructed its identity from the actions of its associations to give a sense of social presence and environmental significance.

Keywords: *Identity. Symbols. Lagoa do Nado Ecological Cultural Association (MG).*

INTRODUÇÃO

Ter um passado em comum é o que identifica os diferentes grupos sociais e como os sujeitos se identificam no grupo. Ao olhar para o passado, principalmente pela via da memória, os sujeitos podem estabelecer relações sociais e afetivas entre si e com o espaço. Com isso, este artigo objetiva compreender como as identificações (ou sua ausência) com dados símbolos são feitas de acordo com os grupos sociais em um jogo imaginário de conhecimento e reconhecimento, a partir dos acontecimentos que permeiam o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado.

Compreender o passado de uma localidade é uma das formas de pensar como se sucedeu acontecimentos relevantes de uma determinada sociedade, onde a “consciência confere identidade, permanência e estabilidade em relação ao passado”. (BRUSADIN, 2015 p. 59). É através da memória que os homens se permitem identificar com sua concepção do passado. Por meio da rememoração, o passado vivido cria questionamentos sobre as relações e sensibilidades do presente com vistas para a construção de um futuro melhor do que a situação atual. (BENJAMIN, 1994).

A memória, então, é um processo de reconstrução de um passado eleito que objetiva possibilitar a elaboração de uma representação que nos guia acerca das nossas origens, percursos e permanências. (TOFANI, 2008). Segundo Izquierdo (2002), a sociedade é reflexo daquilo que ela lembra. Ela é reflexo do que passou, do que se aprendeu com esse passado, das memórias e também dos esquecimentos. Assim, o passado pode nos dizer quem somos no presente e, ainda, fornecer luz às perspectivas de futuro.

Já para Halbwachs (2003), a memória se conforma a partir de um fenômeno social, onde o sujeito é imerso em uma memória coletiva, que por sua vez é produzido e reproduzido pelo seu grupo social, seja ele família, comunidade, nação, etc. A memória, então, nos constitui enquanto seres sociais. Ao refletir os acontecimentos do passado que são produzidos e reproduzidos na coletividade, a memória nos permite compreender quem fomos e o que podemos nos tornar enquanto sociedade, como nos identificar e também como construir essa identidade.

A construção das identidades encontra matéria-prima, principalmente, nos símbolos e suas formas de poder. Isso se dá, especialmente, porque os símbolos são elementos de coesão social e conferem sentido, identificação e significado ao

indivíduo. (BOURDIEU, 2005). Os símbolos são, dessa forma, elementos de integração, mas também de desintegração social, assim como nas identidades aos quais os símbolos remetem: eis a necessidade de problematizar as questões do patrimônio para além das cartilhas que, por vezes, são postas em uma narrativa simplista e não problematizadora.

É necessário pensa-lo como uma entidade vivida e, assim como na memória e na identidade, capaz de sofrer mudanças. Eis a problemática de uma narrativa do passado que não está associada a ideia coletiva enquanto sujeitos de sua própria história ou, no sentido inverso, quando o grupo social se vincula a sua história diante de um dado espaço. Tais interpretações são fundamentais para entender a construção do espaço situado nessa pesquisa.

O Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado foi inaugurado oficialmente em 1994, entretanto, suas origens remontam da década de 1970. Com uma origem muito singular, o Lagoa do Nado surge a partir do envolvimento de um grupo de jovens com a área verde expressiva e que se encontrava ameaçada pelo descaso do poder público e pelo avanço mercado imobiliário na região. Foram organizados festas e desfiles, todos amplamente divulgados pelos principais veículos de comunicação belo-horizontino.

O parque, também conhecido localmente por Parque Lagoa do Nado e até mesmo Lagoa do Nado, é um dos remanescentes verdes belo-horizontinos, com cerca de 311 mil metros quadrados. Esta área fazia parte de uma propriedade que costumava pertencer à família de Américo Renê Gianetti, ex-prefeito de Belo Horizonte. (TEIXEIRA, 2004).

Para entender a importância e a influência do Parque Municipal Lagoa do Nado, não só na região norte, como em toda a Belo Horizonte, é necessário resgatar a singularidade dos eventos que cercam sua implantação, especialmente a mobilização social que foi feita para que o parque seja fundado. Tais eventos que permeiam a fundação do Lagoa do Nado traz à tona as experiências vividas pelos diferentes atores sociais e que o torna um lugar repleto de significados. (LIMA, 2000).

MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL

Cultura, memória, produção do espaço, a reprodução social e o patrimônio cultural são conceitos indissociáveis que permite nos instituir não só como seres humanos, mas também, como seres históricos e sociais. Na análise etimológica do vocábulo cultura, originário do latim, encontra-se que este vocábulo tem como uma de suas derivações o participio latino *culturus*, que segundo Tofani (2008 p. 26),

O participio *culturus* aponta, como lhe é próprio, em direção ao porvir e indaga sobre como a sociedade se reproduzirá, sobre o patrimônio que transmitirá às novas gerações e sobre o que é necessário para que esses mundos se perpetue. Fazendo isso, ele reconhece que o futuro é um projeto desenvolvido através de ações no presente e a partir dos legados do passado; e, sobretudo, ele sustenta que a existência humana depende visceralmente da ininterrupta produção e reprodução de um conjunto de valores, concepções, saberes, símbolos, linguagens, práticas e obras compartilhado socialmente. A esse conjunto e aos modos da sua produção e reprodução denomina-se cultura.

A existência humana, o modo de agir, pensar e se relacionar depende da produção e reprodução da cultura, que por sua vez está relacionado ao modo em que os legados do passado interferem nas ações do presente que objetivam a construção de um futuro. “O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja”. (GONDAR, 2005 p. 17).

Para Le Goff (2003), a oposição entre o passado e o presente é essencial para a aquisição da consciência temporal. Porém, a evocação da memória coletiva pode perder na repetição obsessiva das cenas e linguagens perdidas ao se prender numa cilada nostálgica. A sedução da memória jaz num retorno imprevisto do que se encontrava aparentemente oculto. A memória se divide, então, entre uma amnésia parcial e a reiteração interminável dos traços mnésicos. Estamos constantemente evocando a memória por medo de perder nossas referências culturais. (JEUDY, 1990).

A memória e a identidade permitem aos sujeitos estabelecerem relações socio-afetivas tanto com a coletividade quanto com a materialidade. Estes conceitos são frutos dessas relações que são construídas a partir das semelhanças e diferenças dos sujeitos no meio coletivo. Isso é observado no Lagoa do Nado, onde o jogo identitário permitiu aos moradores locais se relacionarem com o movimento, resultando em eventos que marcaram a memória coletiva local. Temos em mente que isso facilitou a mobilização, principalmente em torno das Festas da Lagoa do Nado, por meio do lado lúdico.

As festas organizadas pela ACELN contavam com o auxílio de todos e representavam um momento de celebração, onde eles podiam ver tudo o que já conseguiram alcançar e tudo o que faltava para que o parque fosse finalmente inaugurado. Durante as festas, as relações eram construídas e laços estreitados, permitindo ao sujeito uma sensação de pertencimento no grupo social e no espaço físico.

Segundo Maurice Halbwachs (2003), a memória coletiva é construída das relações, da imersão do sujeito no grupo social no qual ele se identifica. Portanto, mesmo a memória individual e até pensamentos e sentimentos são construídos dentro da experiência grupal e são pontos de vistas sobre determinado acontecimento. “A memória coletiva instaura um fio condutor que dá alguma coerência e sensação de continuidade a uma sociedade e que possibilita aos seus membros o desenvolvimento dos essenciais sentidos de identidade e territorialidade ou, correspondentemente, alteridade e pertencimento”. (TOFANI, 2008 p. 27).

Ao adquirir consciência temporal através do estabelecimento do que é tempo passado e do que tempo presente, reconhecendo os símbolos do passado, o indivíduo cria uma rede simbólica de representações que dão diretrizes para o comportamento em sociedade.

Por isso, o indivíduo utiliza-se do artifício da memória coletiva para se manter vinculado a essa rede, ao imaginário social, e por isso, também, que é difícil para o mesmo perder qualquer tipo de referência. Assim, evoca-se o passado, muitas vezes pela repetição e pela nostalgia, como uma forma de contrapor o presente e reforçando esse sistema simbólico de representações que guiam a vida em sociedade.

A apropriação do espaço do Lagoa do Nado e a forma como a população local se dispôs para transformar aquele espaço em um lugar no qual todos poderiam usufruir nos permite considera-lo como um símbolo local. Ele integra a rede simbólica local e deu as diretrizes que levou a comunidade a se organizar e exigir do poder público a criação de um parque, com todas as reformas e adaptações necessárias para a implantação do mesmo.

Entretanto, ao longo dos anos, fica claro que a aquisição do terreno pela prefeitura não era garantia de que o parque seria implantado. Faltava investimento e

comprometimento com as obras, que foram realizadas em parcelas ao longo dos 10 anos entre a aquisição do terreno e a inauguração em 1994. (GARCIA; GONZAGA, 2009).

Apropriado pela população desde a década de 1980, a prefeitura não via aquele espaço como um ambiente de preservação ambiental e cultural nem como um espaço de lazer que deveria ser priorizado no orçamento. Mesmo com todas as demonstrações que aquela comunidade não só precisava como lutava diariamente para conquista-lo.

A memória, afinal, não é apenas uma reconstituição do passado. Ela se faz por uma reconstrução do passado com base nas questões que fazemos a ele. Essas questões dizem mais sobre o sujeito no presente do que sobre os acontecimentos passados. A memória é um processo onde o que “encontramos são os jogos de força e o calor das lutas: diferenças potenciais lutando para se afirmar, desejos e interesses agindo e reagindo diante de outros desejos e interesses, em tensão permanente”. (GONDAR, 2005 p. 20 – 21). Do mesmo modo que os grupos sociais estão sujeitos a mudanças constantes, assim a memória também está. Reduzi-la a um conjunto de representações seria negar sua condição de reprodução. (GONDAR, 2005).

A identificação é construída a partir do reconhecimento das semelhanças, de uma origem comum, de uma memória que compartilham, tanto de indivíduos entre si quanto entre símbolo e indivíduos. Ela é um processo em construção onde são partilhadas características, experiências, memórias e até mesmo ideologias em um grupo social. (HALL, 2000). O indivíduo faz parte de uma coletividade porque ele se identifica com ela, do mesmo modo ele se identifica com um símbolo porque reconhece nele a representação e a reconstrução das experiências, semelhanças e afetividades da sociedade no qual ela faz parte.

As identidades são construídas ao longo dos anos com base nas experiências que foram vividas tanto pelo indivíduo quanto por seus antepassados. Elas utilizam de todo um material simbólico aprendido que é processado, principalmente, por intermédio do imaginário social reorganizando os significados de acordo com as necessidades do indivíduo ou do grupo social.

O grande número de sistemas de significações e representações existentes no cotidiano nos força a confrontar uma multiplicidade de identidades cambiantes aos quais podemos nos identificar mesmo que temporariamente. (HALL, 2006). A verdade é que as identidades, apesar de parecerem residir em um passado histórico,

Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo que nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios. (HALL, 2000 p. 109).

As identidades, portanto, são construídas no interior de um discurso e não fora dele. Por isso, se faz necessário entendê-las como sendo produzidas nos signos e nos símbolos, por estratégias e iniciativas específicas.

É no cerne das relações sociais que as memórias e as identidades são concebidas, fornecendo ao sujeito uma rede simbólica responsável por direcionar a vida em sociedade. Afinal, “elas emergem no interior de um jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais produto da marcação da diferença e da exclusão do que signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída de uma “identidade” em seu significado tradicional”. (HALL, 2000 p. 109). Sendo assim, o Lagoa do Nado oferece aos moradores e usuários um ponto de semelhança com o qual eles podem se identificar, se configurando enquanto grupo social e fixando o parque como um símbolo local. A partir de tais discussões teóricas, situamos o objeto de estudo em debate no presente artigo.

PARQUE MUNICIPAL FAZENDA LAGOA DO NADO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL

O Parque Municipal Lagoa do Nado foi inaugurado oficialmente em 1994, entretanto suas origens remontam da década de 1970. Com uma origem muito singular, o Lagoa do Nado surge a partir do envolvimento de um grupo de jovens com a área verde expressiva e que se encontrava ameaçada pelo mercado imobiliário, após ter sido desapropriada pelo Estado para a construção de um conjunto habitacional.

Américo Renê Gianetti, ex-prefeito de Belo Horizonte e empresário, adquiriu várias fazendas na região rural de Belo Horizonte, próximas a Venda Nova, em 1934.

Dentre os terrenos adquiridos estava a Fazenda Córrego do Nado, fazenda esta que foi escolhida para ser o espaço de lazer da família. As demais fazendas foram ou doadas para a compor a área de inundação para a Lagoa da Pampulha ou foram parceladas, se tornando bairros como Jardim Atlântico, Santa Amélia, Santa Mônica, Planalto, Itapoã e Santa Branca. (GARCIA; GONZAGA, 2009).

Durante o desenvolvimento urbano da região, a área que corresponde ao atual parque permaneceu intocada. A então Fazenda Córrego do Nado era um local de lazer da família, que a utilizavam durante os finais de semana, e por isso não foi parcelada junto com as outras propriedades de Gianetti. A população local dos bairros recém-criados, Planalto e Itapoã, passou a conviver diariamente com a presença daquela área verde de grande expressividade, no qual as visitas eram autorizadas de tempos em tempos, mas que na maioria das vezes eram realizadas às escondidas. (LIMA, 2000).

O casarão (figura 1) construído na década de 1930 é constituído de um sobrado ladeado por alpendre com inspiração italiana. A edificação possui dois andares, sendo que no primeiro andar ficava as áreas sociais, cozinha e sala, e no segundo andar ficava as áreas privadas, os quartos. Ela ainda é ladeada por um alpendre que fornece uma visão geral da área. Além do sobrado, também compunham a fazenda dos Gianetti duas edificações localizadas na porção mais a noroeste da área, que pertenciam aos trabalhadores e caseiros da fazenda, e um anexo, construído nos fundos do sobrado, que funcionava como garagem e salão para recepção de convidados. (GARCIA; GONZAGA, 2009).

Figura 1 Casa-sede da Fazenda Córrego do Nado, 1986



Fonte: Estevam Musso. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

Após a morte de Américo Renê, a família foi deixando de visitar a propriedade e, no início da década de 1970, ela acabou ficando em estado de completo abandono, que fez com que a área ficasse sujeita a incêndios, acúmulo de lixo e se tornasse uma área vulnerável naquela região. O abandono também causou a degradação do casarão da antiga fazenda, tendo suas portas, janelas e até peças sanitárias retirados. (MUNHOZ, 1996).

Aos fins da década de 1970, a população começou a ocupar de fato a área, de modo informal, como área de lazer para crianças e jovens da região. Em 05 de setembro de 1973 o Prefeito Oswaldo Pierucetti assinou o decreto 2.408 que declara o terreno dos Gianetti, que na época era propriedade da Imobiliária Mineira S/A, como área para fins de utilidade pública, onde o terreno “destina-se à construção de um parque ou qualquer outra obra de interesse público”. (BELO HORIZONTE, 1973 s/p). Em 1976, o governo do Estado de Minas Gerais reconhece a relevância da área e o inclui no “Programa de Parques Urbanos”, programa este que listava áreas da Região Metropolitana de Belo Horizonte que eram passíveis de se transformar em parque urbano. (LUTTERBACH, 1993).

Também ao final da década de 1970, um grupo de jovens locais, com idades entre 13 e 20 anos, inicia o Grupo Verde Integral dos Jovens do Planalto (GVI), um grupo que tinha como objetivo a elaboração e participação em atividades voltadas para as festas comunitárias, principalmente para ajudar a custear a construção da Igreja do Bairro Planalto. O grupo tinha uma preocupação com questões culturais e comunitárias, mas o movimento ainda era muito embrionário para ser caracterizado como um movimento social organizado. (LUTTERBACH, 1993; LIMA, 2000).

O GVI surge num contexto propício para os movimentos populares. A participação do grupo ganhou força dentro do processo de redemocratização do país, que ainda se encontrava no período da ditadura militar. A apropriação do espaço, com agendas de preservação ambiental, reforça a importância do papel da participação popular e apresenta novas formas de mobilização que se destacaram no cenário belorizontino.

A ação do grupo dentro da comunidade foi se tornando mais ativa e a preocupação do destino da Fazenda dos Gianetti ficou cada vez mais evidente. A inclusão do Lagoa do Nado no “Programa de Parques Urbanos” em 1976 chamou a atenção para a importância dessa grande massa verde para a região. (LUTTERBACH, 1993). Entretanto, o Lagoa do Nado se manteve em estado de abandono, mesmo com o decreto 2.408 assinado em 1973 e com a inclusão na lista do Programa de Parques Urbanos estadual. Não houve investimentos e nem a oficialização do parque nos anos subsequentes.

Em dezembro de 1981, apesar da área já ter sido considerada um importante espaço de preservação ambiental e com potencial para se tornar um equipamento de lazer que atenderia a população do entorno, o Lagoa do Nado foi desapropriado pelo governo estadual e passou a ser de propriedade da Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais, a Minascaixa, que previa a construção de um conjunto habitacional de no local. (LUTTERBACH, 1993; LIMA, 2000).

A notícia da desapropriação chegou aos ouvidos do Grupo Verde Integral, que imediatamente procurou auxílio da Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente (AMDA), que indicou a necessidade da realização de uma mobilização popular. (TEIXEIRA, 2004). Com isso, o GVI organizou a primeira manifestação no início de 1982, elaborando atividades como missa campal e show beneficente para atrair pessoas de todas as faixas etárias, dando maior credibilidade ao movimento e

assumindo com mais clareza uma posição ambientalista do grupo para lutar pela criação do Parque Lagoa do Nado. (MUNHOZ, 1996).

Durante as ações realizadas pelo GVI, a ação da imprensa foi vital para o sucesso do movimento (figura 2). Orientados a sempre convocar a imprensa, a visibilidade proporcionada pelos veículos de comunicação foi fundamental para pressionar o governo e reivindicar a construção de um parque municipal no lugar de um conjunto habitacional. (LIMA, 2000).

Figura 2 Recortes do Jornal Estado de Minas de 1988



Fonte: Jornal Estado de Minas. 05 de junho de 1988

Apesar das manifestações terem bastante participação da população, faltavam pessoas para trabalhar a questão das documentações e negociações com as diversas esferas envolvidas, sendo necessário repensar o movimento, sua atuação e novas formas de organização e mobilização, que resultou na fundação da Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado (ACELN), em 1983. O grupo começou a realmente ocupar e a cuidar do Lagoa do Nado e com isso outras pessoas aderiram ao movimento. A ACELN surge como uma entidade civil sem fins lucrativos, compromissada com a vida, a cultura, na boa relação do homem com o

meio ambiente, deixando claro a preocupação com questões ambientalistas, culturais e preservacionistas. (LUTTERBACH, 1993).

Dentre as ações realizadas pelo grupo, uma das que mais se destacam é a realização da “Festa da Lagoa do Nado”, com a primeira edição sendo realizada em 1983, ano da fundação da ACELN. (LUTTERBACH, 1993). A festa é colocada, então, como uma forma de protesto pacífico e de viés ecológico afim de sensibilizar os gestores estaduais e municipais da importância da implantação definitiva do Parque Lagoa do Nado.

As festas eram organizadas pela ACELN e contavam com o auxílio de voluntários. A ACELN prezava por realizar um evento que fosse atrativo a todas as idades e com programação diversificada com atividades infantis, missa ecológica, shows, palestras e exposições. Todas as festas eram acompanhadas pela mídia, que mapeava o movimento e relatavam as idas e vindas e as promessas não cumpridas pelo poder público.

Em 1984, o terreno foi adquirido oficialmente pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, fato que foi celebrado durante a 2ª Festa da Lagoa do Nado, que aconteceu no final deste mesmo ano. Entretanto, a falta de interesse e de investimentos do governo municipal fez com que a administração e gestão da área recaísse novamente nas mãos da ACELN, que a aceitou a despeito de todas as dificuldades. (LIMA, 2000). Ainda em 1984, a ACELN realizou uma pesquisa junto à comunidade objetivando identificar demandas para a elaboração do programa de necessidade para a criação do Parque Fazenda Lagoa do Nado, que compunham o Projeto de Implantação do Parque que seria enviado à prefeitura. (ASSOCIAÇÃO CULTURAL ECOLÓGICA LAGOA DO NADO, 1984).

O relatório trazia informações que demonstrava o tipo de parque que a comunidade queria e precisava e serviu de pauta para a principal reivindicação da associação pelos próximos anos. O parque não era somente desejo de um pequeno grupo, mas necessidade de diversos bairros. A pesquisa foi dividida em dois setores, sendo que o primeiro correspondia aos grupos que acessariam o parque a pé e o segundo correspondia aos grupos que acessariam o parque utilizando outros modais de transporte, como bicicletas, automóveis, transporte público, etc. e sua taxa de resposta corroborou o que a ACELN pregava: era necessário a construção de um parque tanto para a preservação ambiental da área quanto para proporcionar um

importante equipamento de lazer para a Regional Pampulha e Venda Nova. (ASSOCIAÇÃO CULTURAL ECOLÓGICA LAGOA DO NADO, 1984).

Nos anos seguintes, a associação continuou realizando as festas, cada uma com um tema relacionado a temas preservacionistas e ambientalistas, em resposta ao desenrolar dos acontecimentos, das promessas feitas e não cumpridas. Além de manter a imprensa sempre bem informada tanto das promessas não cumpridas quanto das manifestações organizadas. (GARCIA; GONZAGA, 2009). Em 1986, quando a verba destinada à construção do parque não chegou ao seu destino, a ACELN organizou protestos, manifestações e distribuiu notas na imprensa relatando o descaso e a morosidade do processo de implantação do parque. (LIMA, 2000).

Um dos principais pontos do movimento é que ele não foi um movimento partidário. A ACELN prezava por manter sua autonomia e independência com relação à política, mas ainda assim a utilizavam. O contato com alguns políticos que se comprometiam seriamente com a causa ambiental e cultural era utilizado como forma de pressionar a gestão municipal para a realização das obras do Parque Fazenda Lagoa do Nado. As festas realizadas de 1989 a 1991 tiveram como mote principal a realização e atraso das obras para a implantação do parque. (LIMA, 2000).

Ao longo dos anos, fica claro que a aquisição do terreno pela prefeitura não era garantia de que o parque seria implantado. Faltava investimento e de comprometimento com as obras, que foram realizadas em parcelas ao longo dos 10 anos entre a aquisição do terreno e a inauguração em 1994. (GARCIA; GONZAGA, 2009). Apropriado pela população desde a década de 1980, a prefeitura não via aquele espaço como um ambiente de preservação ambiental e cultural nem como um espaço de lazer que deveria ser priorizado no orçamento. Mesmo com todas as demonstrações que aquela comunidade não só precisava como lutava diariamente para conquista-lo.

Foi somente em 1991 que o parque entra em obras para ser concluído, com recursos obtidos por meio de um convênio entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e a mineradora MBR. Em 1994 as obras são finalizadas e o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado é finalmente inaugurado pelo então prefeito Patrus Ananias. (GARCIA; GONZAGA, 2009).

O projeto de descentralização administrativa e de participação popular iniciados em 1989 e continuados na gestão de Patrus Ananias, no período de 1993 a 1996, favoreceu a realização do convenio com a MBR e o andamento das obras para a implantação do Lagoa do Nado. O aparecimento da pauta cultural e a discussão de experiências culturais como condição de cidadania colocou em discussão a necessidade de acesso aos equipamentos culturais pela população e viabilizou a inauguração tardia do parque.

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NO PARQUE MUNICIPAL FAZENDA LAGOA DO NADO

Todo grupo social é dotado de uma identidade que permite situá-lo no conjunto social, ainda que tal identificação seja sujeita a ação de outros grupos que dificultem a sua ideia de presença e permanência em dado espaço. Segundo Cuche (1999), ao identificar o grupo no tecido social existente, a identidade inclui o homem em um grupo e o exclui dos demais. Ela permite o sentimento de pertencimento, definindo o sujeito de forma estável e objetiva. A singularidade do movimento pelo Lagoa do Nado expõe como as relações sociais e afetivas possibilita ao homem adaptar o seu meio, estabelecendo conexões e identificações que se fixa na memória de uma coletividade manipulando o imaginário social e resultando numa identidade cultural única.

Entender como e porque os diferentes tipos de identidade são construídos e suas consequências no cotidiano dos grupos sociais não é tarefa fácil e não deve ser abordada por linhas gerais e abstratas. As identidades estão estritamente relacionadas ao contexto social em que são criadas. Quem constrói e porque constrói as identidades coletivas determinam o conteúdo simbólico da mesma e quem se relaciona, se identifica ou se excluem dela. (CASTELLS, 1999). Já no jogo identitário, as representações são continuamente formadas e transformadas pelos sistemas culturais que nos rodeiam e, à medida em que estes sistemas mudam e se multiplicam, o homem é confrontado com uma multiplicidade de identidades possíveis, resultando em identidades híbridas. (HALL, 2006).

Partindo desse contexto, entender o movimento do Lagoa do Nado a partir da contextualização das relações afetivas permite visualizar como a memória e o jogo das identidades são continuamente transformados ao longo do tempo no cotidiano. O movimento começa como uma forma de resistência a ação do mercado imobiliário

e em favor da criação de um equipamento público necessário para a região, como consequência, cria uma identidade entre os sujeitos daquele grupo social.

Durante o desenvolvimento urbano da região, a área que corresponde ao atual parque permaneceu intocada. A Fazenda Córrego do Nado era um local de lazer da família, que a utilizavam durante os finais de semana, e por isso não foi parcelada junto com as outras propriedades de Gianetti. (LIMA, 2000).

“Uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações. A expressão ‘alma de rua’ significa um conjunto de veículos, transeuntes, encontros, trabalhos, jogos, festas e devoções”. (SANTOS, 1985 p. 24). O Lagoa do Nado é apropriado pelos moradores como uma forma de manifestação, como uma forma de mantê-lo no cotidiano da comunidade. Sua história cria uma dimensão simbólica que extrapola sua dimensão física e segundo Lynch (1997 p. 1), “cada cidadão tem vastas associações com alguma parte da cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados”.

De acordo com Izquierdo (2002, p. 09), o ser humano não sabe viver em isolamento, eles formam grupos com base em laços culturais e afetivos de acordo com as memórias em comum. As memórias se constituem a partir das experiências vividas pelos homens, seja na individualidade, seja na coletividade. Neste contexto, memória e esquecimento andam lado a lado. Ainda segundo este mesmo autor, “nosso cérebro ‘lembra’ quais são as memórias que não queremos ‘lembrar’, e esforça-se muitas vezes inconscientemente para fazê-lo”. A maior parte do que se aprende ao longo da vida é esquecido e o cérebro humano possui milhares de memórias e fragmentos de memória, sendo necessário artifícios de evocação das mesmas para se manterem vivas na memória coletiva. “A memória se faz do jogo do esquecimento e do ressurgimento, através das variadas faces da temporalidade”. (JEUDY, 1990 p. 142).

O esquecimento e o medo da perda dos símbolos e das referências culturais fazem com que os grupos sociais busquem artifícios de rememoração. Os jogos da memória e a dinâmica do lembrar e esquecer se unem na invocação, no qual as imagens e os significados evocados se entrelaçam no discurso de retorno do passado e os objetos permanecem como uma presença anacrônica do tempo. (JEUDY, 1990). A memória coletiva só se mantém enquanto houver um grupo social que lhe dá suporte. Quando este suporte social é perdido ou se torna frágil, outros

artifícios se fazem necessários para preservar estas lembranças. (HALBWACHS, 2003).

A apropriação do espaço do Lagoa do Nado como uma forma de manifestação foi um meio de evitar a desconstrução de uma memória importante. O medo da perda de um símbolo local faz com que o grupo social afetado pelo bem utilize a festa e do uso do espaço como um artifício de rememoração. As festas proporcionaram um vínculo entre os indivíduos do grupo social, fornecendo um suporte para a memória coletiva.

É a cultura que permite ao homem adaptar-se ao seu meio e também adaptá-lo a sua necessidade e vontade. A identidade cultural de uma coletividade só pode ser compreendida se houver um entendimento das relações sociais existentes entre os diferentes grupos sociais e seus reflexos no tecido urbano. (CUCHE, 1999). Desse modo, ficam a cargo dos lugares, dos patrimônios e dos símbolos a possibilidade de não só nos fazer lembrar, mas também de nos fazer identificar e relacionar com o bem cultural, sendo assim elemento essencial para a construção das identidades, onde o indivíduo reconhece os seus semelhantes por meio de um processo de identificação com base nas memórias e laços afetivos comuns.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os acontecimentos que permeiam a história de fundação do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado o tornam um parque que se destaca no cenário belo-horizontino. O engajamento de um grupo de jovens com a preservação ambiental e cultural da área verde que uma vez pertenceu a uma família influente criou marcas e significações naquele espaço. Durante o desenvolvimento urbano das regiões Norte e Pampulha ao longo da expansão urbana de Belo Horizonte, o Lagoa do Nado foi uma das únicas áreas não parceladas. Isso se deu, inicialmente, pelo fato de a propriedade pertencer à uma família que possuía um alto nível de influência em BH, os Gianetti.

Os inúmeros grupos sociais que compõem a sociedade possuem identidades que permitem aos seus membros se situarem no contexto social e urbano. As diversas identidades que se constroem no espaço urbano são, por vezes, conflitantes e estão sujeitas a ação de outros grupos sociais que dificultem sua presença no espaço. Enquanto o Lagoa do Nado era uma fazenda, se estabelece uma determinada

identidade para esses grupos. Eles se identificam a partir da presença de uma família imponente e poderosa no bairro recém-criado. Após o abandono da área, há a construção de uma nova forma de identificação. Para alguns era uma área de vulnerabilidade, para outros grupos era uma oportunidade de lazer e de criar laços afetivos. Essa forma de identificação com o espaço se mantém até os dias atuais.

Durante o movimento, mais uma vez temos uma nova relação de identidade e identificação sendo construída. A construção de uma afetividade dos grupos existentes com o espaço, por intermédio das festas, o legitima como um lugar de lazer, onde as relações sociais são construídas e corroboradas ao longo do tempo. Desse modo, a singularidade dos acontecimentos em torno do Lagoa do Nado demonstra como as relações sociais e afetivas permitem ao homem adaptar o espaço conforme sua necessidade ao mesmo tempo em que estabelece identificações que se fixam na memória coletiva e instrumentalizam o imaginário social para sua própria construção identitária.

Afinal, a memória coletiva não é simplesmente a reconstituição do passado e tampouco o passado é compreendido no presente tal como ele ocorreu em sua totalidade. São as questões que rememoramos do passado que nos conduzem a um presente a partir dos símbolos que os representa. A representação da memória e sua aura simbólica nos situa em um dado espaço e possibilita e nos sentimos parte de algo em um processo de identidade

A pluralidade de identidades constituídas no espaço do Lagoa do Nado permitiu aos indivíduos e a sociedade do entorno um certo número de processos de identificação a partir da apropriação do espaço. Se os bens patrimoniais devem ser postulados pela sociedade a partir de cada contexto social e cultural e eleitos pela coletividade, entendemos que o Lagoa do Nado é um patrimônio cultural de Belo Horizonte. Um lugar onde a memória pode ser sempre produzida e reproduzida naquele espaço simbólico, pois foi fruto de uma construção coletiva.

A partir deste estudo, é possível afirmar que a reflexão dos processos de construção das memórias e das identidades são imprescindíveis para a compreensão inserção social no patrimônio. A memória e a identidade permitem o estabelecimento de uma relação temporal entre o passado e presente que, por sua vez, cria um sistema simbólico de representações e reproduções que nos guiam no convívio social e na apropriação do espaço urbano.

AGRADECIMENTOS

Este artigo foi elaborado a partir das pesquisas para a elaboração da Dissertação de Mestrado *O patrimônio cultural na produção do espaço social: questões sobre memória e identidade no caso do Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado, em Belo Horizonte (MG)*, no Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da UFMG.

Agradecemos a este Programa pela oportunidade de ampliar os conhecimentos acerca desta área e à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) pela bolsa concedida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ECOLÓGICA LAGOA DO NADO. **Pesquisa Parque Fazenda Lagoa do Nado**, 1984. Formulário e Relatório.

BELO HORIZONTE. Decreto n. 2.408, de 05 de set. de 1973. **Declara de utilidade pública, para fins da desapropriação, terrenos que menciona**. Belo Horizonte, MG, set. 1973.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica**. Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BRUSADIN, Leandro Benedini. **História, turismo e patrimônio cultural: o poder simbólico do Museu da Inconfidência no imaginário social**. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

GARCIA, Luiz Henrique Assis; GOZAGA, Clarita Ribeiro. **Lagoa do Nado: um lugar e suas histórias – Sítio, Parque, Centro de Cultura**. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2009.

GONDAR, Jô.: Quatro Proposições sobre Memória Social, in: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003. 5ª. Edição.

LIMA, Sheila Ferreira. **A construção da experiência urbana no lugar** [manuscrito] : as relações comunicativas e a produção de sentidos no Parque Fazenda Lagoa do Nado. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2000. (Dissertação de Mestrado).

LUTTERBACH, Angela A. **Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado**: um estudo exploratório. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 1993. (Dissertação de Mestrado).

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MUNHOZ, Deborah E. A. **Parques urbanos**: Para que(m) construir? Para que(m) conservar? Estudo do processo de implantação do Parque Fazenda Lagoa do Nado. Belo Horizonte: Escola de Engenharia da UFMG, 1996. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

TEIXEIRA, Clotildes Avellar. **Memória em movimento**: história do movimento de luta para a criação do Parque Fazenda Lagoa do Nado. Belo Horizonte: Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado, 2004.

TOFANI, F. P. **Erejakasó piáng?** As Culturas Sambaqueira, Aratu, Tupiguarani e Portuguesa e a Produção do Espaço do Extremo Sul da Bahia, Brasil. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008, 494p. (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia).